

SOBRE AS DECLARAÇÕES JUDICIAES DAS CRIANÇAS

I

Estudando comparativamente as crianças e os animaes inferiores, sob o ponto de vista do grau, em que umas e outros podem subsistir, defender-se, travar a imperiosa luta pela vida, vendo a criança, nos primeiros alvares da existencia, tão fraca e incapaz de resistir ás condições desfavoraveis que a circumdam (1) vem-nos ao espirito um impeto de collocal-a entre os seus mais humildes companheiros da escala zoologica.

No berço, dependendo da vida puramente vegetativa, governado por instinctos limitados, o homem

(1) LUCRECIO, *De natura verum*, V. exprimia o mesmo pensamento em bellos versos:

Tum porro puer, ut sævis projectus ab undis
Navita, nudus humi jacet, infans, indigus omni
Vitali auxilio, cum primum in luminis oras
Nixibus ex alvo matris natura profudit;
Vagituque locum lugubri complet, ut œquum est,
Cui tantum in vita restet transire malorum.

é uma simples larva, em que mal se adivinha o ser intelligente nella encerrado.

Ao recém-nascido incumbe conquistar o mundo. Que mysterioso trabalho transforma em homem esse pequenino ser *apsychico*, sem subjectividade, sem a consciencia do tempo, sem a consciencia do espaço, surdo, intellectualmente cego, muito embora seja sensivel aos raios da luz! Que maravilhoso processo progressivamente investe da actividade cerebral do adulto, delicada e poderosa, o cerebro rudimentar da creança, cuja superficie lisa, cuja formação imperfeita (1), bem mostram que é um organ virgem, trazendo apenas, como antecipação da vida mental futura, elementos histologicos, disposições organicas, circumvoluções prestes a recommear o mesmo genero de trabalho que executavam no organismo dos antepassados!

Aos 7 annos, o cerebro adquire 85⁰/₀ ao seu desenvolvimento, aos 14 95⁰/₀. Nos quatro primeiros annos, a natureza edifica o santuario do templo; de 4 a 7, ha uma especie de retardamento, um armisticio de repouso, em que os materiaes se accumulam; dos 7 aos 14, dá-se a ultima demão a essa parte do edificio.

Para preparar a revolução da puberdade por uma evolução methodica e harmonica, a molleza primitiva da polpa nervosa facilita impressões e reacções; por exercicios repetidos, as cellulas se vão dispondo num sentido dado; e ao mesmo tempo, a immensa proliferação dessas cellulas constitue milhões de pequenos laboratorios promptos a armazenar outras tantas imagens sobre as quaes ha de operar a intelligencia, atando, desatando, reatando relações entre as ideas que ellas

(1) LUVS, *Le cerveau et ses fonctions*, p. 126. Segundo R. BOYD (citado por EMMINGHAUS, no tratado de MASCHKA, trad. ital., 1889, IV, 203), o peso médio do cerebro dos recém-nascidos masculinos é de 330 grammas, e dos femininos--284 gr.

forneem. Segundo affirma Kùborn (1), é assim que até 14 annos se desenvolve tão poderosamente a memoria das cousas, á qual dentro em pouco succede a memoria logica.

Da vida vegetativa (reflexo simples), a creança passa successiva e progressivamente á vida instinctiva (actividade sensorio-motriz), e depois a vida intellectual (actividade ideo-motriz (2). A passagem de um para outro estadio está intimamente ligada á conhecida lei do parallelismo que prende o desenvolvimento psychico ao desenvolvimento physico.

A' proporção que o corpo se fórma, á medida que as circumvoluções cerebraes se accentuam, variadas manifestações da actividade cerebral succedem aos primeiros movimentos reflexos, simples e involuntarios, que acompanham as sensações produzidas quer nas visceras, quer nos orgãos dos sentidos. Pouco a pouco o observador descobre o desenvolvimento evolutivo das faculdades, modelado sobre o desenvolvimento gradual dos centros nervosos que servem ao espirito e ás suas manifestações. E' pelo exercicio que a creança se transforma em homem: as 3 funcções do cerebro, a intelligencia, a sensibilidade e a vontade, como *funcções* que são, sómente se produzem em sua plenitude quando o *orgam*, á mercê de uma nutrição estimulada, pelo exercicio, ganha paulatinamente a ductilidade, o poder, a actividade necessaria.

Antes que se complete o equilibrio entre as diversas porções do organismo, certas partes do craneo se avantajam sobre outras, por suas dimensões, e parallelamente certas partes do cerebro gozam de uma actividade preponderante e de uma verdadeira hegemonia

(1) HYAC. KUBORN, *Cours d'hygiène générale et pédagogique*, 1891, p. 1079.

(2) A. DEBIERRE, *Le crâne des criminels*, 1895, p. 336.

de acção (1): sem a coacção que mais tarde os centros de reflexão intelligente irão actuar, as regiões impulsivas, de automatismo puro, dominam e dirigem o conflicto das operações cerebraes. Eis a razão a que obedece Rassier quando escreve (2), que a ignorancia e a vivacidade do sangue imprimem aos pensamentos e aos actos infantis uma forma variavel, por ser mais ou menos impulsiva. Effectivamente, mais do que ninguem soffrem as creanças o vigoroso imperio dessa impulsão irreflectida e secreta, desse —*não sei que*—dessa força occulta e vaga e indeterminada, que, em actividade, determina, nas mais variadas occasiões, actos variados, que, num instante, ganham effectividade, sem passar pelo cadinho da razão ponderadora. Não são actos voluntarios e intencionaes, porque estes são aquelles, cuja forma, cuja energia, cuja marcha e cujo effeito nos apparecem em uma representação antecipada: é automatico o movimento que se realisa sem previsão e sem consciencia (3).

II

Bosquejámos em linhas vagas a vida psychica da creança. Accentuaremos com maior precisão as linhas

(1) V. DORTEL, *L'anthropologie criminelle et la responsabilité medicolégale*, 1891.

(2) *De la valeur du témoignage des enfants en justice*, 19.

(3) A. HERZEN, *Le cerveau et l'activité cérébrale*, 1887, 234-235. Honoré de Balzac dizia grande verdade ao fixar a figura da *prima Betti*, camponesa de character hispido e energico. Dizia Balzac que ella dominava a custo, pelo conhecimento das leis e do mundo, a rapidez natural, com que se effectua, entre os camponios, a passagem do sentimento á acção. Notando que nesse facto consiste a differença que separa o homem no estado de natureza, do homem no estado civilisado, accrescenta que o selvagem tem apenas sentimentos, ao passo que o civilisado tem sentimentos e idéas; aquelle pertence inteiramente ao sentimento que o invade, emquanto que no ultimo as idéas descem até ao coração que ellas transformam, milhares de interesses, sentimentos variados imperam sobre o homem civilisado; a alma do selvagem comporta o dominio de uma idéa unica. Conclue o grande romancista: «c'est la cause de la supériorité momentanée de l'enfant sur les parents, et qui cesse avec le désir satisfait, tandis que, chez l'homme voisin de la nature, cette idée est continue».

geraes da sua organização mental agora, ao encetarmos o estudo das causas de erro a que o espirito pueril se vê entregue. Na fallibilidade dos sentidos e da intelligencia infantis, repousa a presumpção de *insciencia* (percepção imperfeita) que milita contra as declarações judiciais das creanças.

Ao passo que os determinantes da mentira, do engano consciente, da falsidade voluntaria se encontram na moralidade, os motivos do erro, engano involuntario e inconsciente, dependem primordialmente da estrutura physio-psychologica das creanças. Compreende-se que a ennumeração das causas, que emprehendemos, abraça unicamente as origens vulgares e communs, e é obvio que nos cumpre apenas applicar a um objectivo determinado as leis geraes de psychologia, sem particularidades fastidiosas, que não se ajustariam directamente á hypothese sujeita.

Para assignalar que a fonte principal do erro é a ignorancia, o divino Platão (1) comparava com engenho o espirito humano a um aviario, em que esvoaçam passaros de variadas especies, uns solitarios e isolados, outros em bandos reunidos. Figurae nesses passaros os conhecimentos. Em nossa infancia, o aviario está vasio: nelle reunimos os conhecimentos, á proporção que os apprehendemos. Quando, porém, desejamos recuperar um delles, acontece frequentemente que tomamos um em lugar do outro; assim, ao procurar o resultado da addicção de 7 e mais 5, podemos encontrar 11 em vez de 12, como num aviario podemos tomar á mão um canario em vez de uma rôla.

E' frisante a imagem que empregava o philosopho.

São numerosos os erros a que dá logar a inexperiencia dos sentidos, durante a primeira infancia. As illusões na vista se exercem sobre a côr, a localisação

(1) *Théétète*. Apud AD. FARNIER, *Traité des facultés de l'âme*, III. 26.

no espaço, a forma, as dimensões, a distancia, a natureza, o numero dos objectos aclarados pela luz. As sensações auditivas occasionam erros especiaes, mas que não são tão numerosos, nem tão importantes como as sensações visuaes: a difficuldade que sentem as creanças, consiste menos na localisação de um som no espaço, do que na ligação desse som com o seu objecto real ainda que os dous phenomenos muitas vezes se confundam.

Além dessas illusões que manam de causas physiologicas, existem outras que derivam de causas moraes: os sentimentos e as inclinações constituem outras tantas causas de erro, para o adulto e para a creança (1). A febre de movimento que possui o corpo, a necessidade de agir, dependendo as suas forças physicas e a paixão pelo exercicio e pelos folguedos—são causas frequentes de erros. Muitas vezes, as creanças veem perfeitamente (até em certo ponto) o que lhes interessa, porque nessa percepção recahe o seu maximo esforço de attenção.

Mas não é a indagação da verdade que as attrae é a necessidade de agir, e de agir depressa, para attingir um fim determinado. Assim, tomam um partido, como que por uma subita inspiração. Não as preoccupam o alcance, ou os limites ou as consequencias remotas dos actos. Basta-lhes ver ou entrever o meio de produzir tal effeito: immediatamente poem em execução o proposito formado: creem e agem. A precipitação exaggerada prejudica a acção e ao pensamento, e frequentemente as creanças aprendem essa verdade á sua custa, porém como a experiencia lentamente ensina, caem logo depois nos mesmos erros, sob o imperio das mesmas illusões.

(1) Limitamo-nos a seguir o que expende BERNARD PEREZ, no seu notabilissimo livro—*La psychologie de l'enfant*, 1882, c. X, § VI, a exemplo de RASSIER, o. c., 39 e seg., que copia sem citar a fonte.

Não insistiremos sobre as illusões e os erros que accarretam o amor-proprio (1) a teimosia, os sentimentos pessoases manifestados especialmente na primeira infancia.

Si essas são as raizes physiologicas e moraes dos enganos inconscientes a que está sugeita a infancia, existem outras que mais intimamente dependem dos phenomenos propriamente intellectuaes.

Na psychologia infantil, um facto surprehende todos os observadores, que unanimemente o proclamam: a creança é essencialmente imaginosa e suggestivel. Examinae as outras manifestações da sua cerebralidade; e reconhecereis a verdade que o espirito percuciente de Moreau exaggerava num livro superiormente pensado (2): á creança fallecem a comparação que aproxima as ideas, a reflexão que nelles imprime a maturidade necessaria, o raciocinio que se pronuncia.

Com effeito, considerando separadamente as diversas faculdades intellectuaes, verifica-se que a attentividade, faculdade fundamental de acquisição, é exercitada com fraqueza, com rapidez, sem a força de concentração de pensamento que manifesta a superioridade mental. (3)

(1) «Marie est à la balançoire, où elle fait plus de bruit que les trois enfants qui la regardent faire et attendent leur tour. En cinq minutes elle trouve le temps de produire plus de vingt phrases toutes commençant ou finissant par le mot *moi*. — «Regardez-moi, comme je me balance vite! Personne ne pourrait monter aussi haut que moi! Regardez, comme je vais toute seule!» Elle croit tout cela vrai, et il n'en est rien. Illusion de jugement produite par le sentiment exagéré des faits personnels.»—B. PEREZ, *La psychologie de l'enfant*, 274.—Veja-se o que dizemos adiante sobre a auto-suggestão.

(2) PAUL MOREAU (de Tours), *La folie chez les enfants*, 1888, 18.

(3) Assignalando que a faculdade de attenção é fraca e imperfeita nos idiotas, cujos lobulos frontaes são de imperfeita estrutura, FERRIER, (*Les fonctions du cerveau*) conclue que—«les facultés d'intelligence et de réflexion se manifestent proportionnellement au développement de la faculté de l'attention.—Segundo Wundt e Bain, a attenção implica a actividade das faculdades motorizes.

A atenção marca a primeira phase de todo o processo mental superior: estabelece a harmonia entre os elementos do sensorium e as irradiações das regiões periphericas, dá a nitidez de percepção ás camadas para que convergem todas as sensibilidades (1).

Si para estimular a concentração do espirito sobre um objecto determinado, para se abroquelar contra o desfastio e a fadiga inherentes ao trabalho intellectual, o adulto recorre a força imperativa do dever, do interesse, do amor-proprio, a creança solicitada por multipas impressões superexcitantes, dotada de pequena força muscular, sem os estimulantes que hão de soccorrel-a mais tarde, desfallece ao menor esforço de atenção e não resiste a menor fadiga cerebral. E observando que o seu espirito borboleteia ao capricho das mais futeis impressões de momentos, confirma Perez que «*l'enfant le plus attentif l'est infiniment peu*».

Menos imperfeita é a memoria psychica, faculdade de conservação intellectual, que se baseia sobre a memoria organica. A recordação de uma imagem constitue apenas, a reproducção do processo organico e psychico nos centros nervosos superiores, cuja actividade fôr acompanhada pela consciencia (2). A observação demonstra a tenacidade, a energia, a prompta actividade da memoria de ideas e sensações durante a infancia as proprias cousas que não comprehende gravam-se no seu espirito e serão comprehendidas ao despertar da intelligencia ou quando as paixões incipientes o exigirem. Mas, existe uma relação innegavel entre

(1) LUYS, *Le cerveau et ses fonctions*, 172 e seg. TH. RIBOT, *La psychologie de l'attention*, 1889. J. SULLY, *The psycho-physical process in attention* (*Brain*, II, 1890). Sobre a actividade physica e as condições physiologicas da atenção, veja-se CH. FÉRÉ, *La pathologie des émotions*, 1892. cap. 3.^a

(2) MAUDSLEY, *Physiologie de l'esprit*, 1879, 477.

a atenção e a memoria: a conformidade da reviviscência de uma imagem depende da exactidão da sua percepção anterior e por isso, embora a memoria infantil guarde maior tenacidade na conservação dos factos, a memoria do adulto sobreleva quanto á maior fidelidade na sua conservação e na sua reproducção circumstanciada. Em virtude de um raciocinio analogo, a sensibilidade defeituosa da creança prejudica a actividade regular e perfeita da reproducção das imagens. A esses dous motivos se prende a *dispersão* de recordações, inherente ás organizações psychicas incompletas, creadas pelas molestias mentaes, pela falta de desenvolvimento na infancia, pela usura de elementos nervosos na velhice.

Assim, embora de extraordinaria agudez, a memoria das creanças é insegura e quasi esteril, na ausencia de um poder que empregue os materiaes heterogeneos por ella accumulados.

Todas as outras faculdades, a abstracção, a generalisação, a comparação, o juizo, a razão, gradualmente se affirmam, se precisam, se aperfeiçoam á medida que a creança adquire força e experiencia; todas ellas, existem, em germen, na vida psychica infantil, porém, nenhuma dellas sobreleva em prematuridade e em energia á imaginação productora e á imaginação reproductora ou representativa.

Da imaginação manam os erros estupidos e as suaves illusões, enthusiasmos irreflectidos e sonhos consoladores, desgraças e venturas, a loucura e a esperanza.

Sob a força moderadora da razão, é o pulmão vivificante da alma, a que Feuchtersleben se refere; independente, desordenada, sem a coerção imposta pela reflexão ponderadora, bem merece o nome que

lhe impoz Blaise Pascal: *la folle du logis* (1). Conheceis a influencia perniciosa e perturbante que a imaginação exerce na economia da vida mental de individuos normaes: calculae as devastações que em cerebros incompletamente desenvolvidos a phantasia produz e fumenta. Velha verdade exprimia Shakespeare: é nas organizações mais fracas que a imaginação age mais prejudicialmente. Desde os primeiros tempos da vida extra-uterina (2), manifestam-se sensações allucinatorias sem objecto presente ou determinado, reminiscencias intensas, innumeras associações de idéas: não são efeitos da actividade imaginativa os sonhos, os estremecimentos subitos, os gritos, os soluços, os sorrisos, os movimentos tendentes a tomar ou repellir objectos que se observam durante o somno de creanças de dous mezes e que parecem corresponder aos actos que em vigilia, são determinados pela fome, pela colera, pelo temor, pelo prazer, pelo desejo?

E mais tarde, quando a educação ainda não tiver affirmado na alma infantil a consciencia da propria força, quando o raciocinio ainda não tiver dissipado os temores terriveis, os terrores medonhos que a boçalidade de contos estupidos e a ignorancia fazem desabrochar no espirito da creança, arriscando-se a substituir á emotividade normal a emotividade morbida (3), a imaginação forma o medo e o medo reciprocamente desenvolve a faculdade imaginante.

Applicando á educação os dados physiologicos que fornece o estudo do medo (4), Mosso reflecte que

(1) «Cette superbe puissance, ennemie de la raison, a établi dans l'homme une seconde nature. Elle a ses heureux, ses malheureux, ses sains, ses malades, ses riches, ses pauvres; elle fait croire, douter, nier la raison; elle suspend les sens, elle les fait sentir; elle a ses fous et ses sages et rien ne nous dépite davantage que de voir qu'elle remplit ses hôtes d'une satisfaction bien autrement pleine et entière que la raison.» (*Pensées*).

(2) PEREZ, *La psychologie de l'enfant*, 172 e seguintes.

(3) CH. FÉRÉ, *La pathologie des émotions*, passim. LANGE, *Les émotions*, 1895, 51 e seg.

(4) *La peur*, trad. F. Hément.

aquelle que educa uma creança representa o seu cerebro. Tudo o que lhe disser de terrivel, dè abominavel, serão outros tantos espinhos que ficarão enterrados nas carnes da creança e que hão de pungil-a eternamente. Com effeito, a apprehensão, o temor, o medo para sempre se gravam na memoria, como uma hera fatal e daminha enroscada á rasão.

Avida de conhecer, não se podendo conformar com a ignorancia limitada e a fraqueza mental da primeira idade, a sua alma se abre para o maravilhoso e para o supra-terrestre (1). Quasi todas as phrases que pronuncia se resumem em interrogações, tanto é verdade que, como dizia Fénélon (2), — *«la curiosité de l'enfant est un penchant de la nature qui va comme au devant de l'instruction.»* Presta maior attenção ás palavras pronunciadas em voz baixa; á noute, na escuridão que gera sombras e phantasmas, o seu ouvido se apura, o seu olhar se faz escrutador; quer ver os objectos que estão escondidos, quer tócar o que vê, quebrar o que toca, para descobrir o que ha dentro, o occulto, o desconhecido, o mysterioso. D'essa curiosidade insaciavel resulta, em parte, o desenvolvimento de qualidades hereditarias e a apropriação de qualidades individuaes uteis, em detrimento de habitos inuteis ou nocivos. O diabrete, que desloca os membros bambos de um polichinelo, que fura um tambor ou rasga o ventre de uma boneca, age, em principio, como

(1) Platão explica poeticamente a avidéz, a sede, a anciosa curiosidade de sobrenatural que se encontra no espirito pueril. O grande philosopho, em *Phædon*, suppõe que as almas, antes de serem encadeadas á materia, se deslumberram na contemplação da verdade divina; e punge-lhes a saudade das delicias perdidas e da luz eterna: «il est peu d'âmes, chez lesquelles ce souvenir demeure assez vif. Néanmoins, toutes quand elles aperçoivent ici quelque ombre de ce qu'elles ont vu là-bas, elles se trouvent saisies, elles sont hors d'elles. Elles ne se rendent pas bien compte pourquoi elles sont ainsi émues, car elles n'ont pas assez conscience de leur état précédent.»

(2) *Traité de l'éducation des filles.*

o naturalista que, em suas experiencias, rasga o animal para descobrir as leis que regem o organismo (1).

A' creança não basta o mundo sensível e prosaico: é raro que um objecto positivo prenda a sua attenção por muito tempo, apaixonando a sua intelligencia. Que o maravilhoso, sublime ou horrivel, paire sobre uma *historia*; que, num conto, se desenhem a bota do *menino pollegar* ou a sombra zombeteira e attrahente do *Pedro Malazarte*, toda a alma da creança se suspende aos labios de quem falla: nada consegue distrahil-a ou diminuir o interesse que a possui; e o seu rosto e os seus olhos espelham as emoções que na alma lhe perpassam.

Qual de nós não sentiu, nas alvoradas da meninice saudosa, o doloroso prazer, fascinador e empolgante, de ouvir, gelado de medo, as miraculosas aventuras, em que se prolongam macabramente as silhuetas de lobishomens e espectros!

A imaginação reproductora constitue, para alguns psychologistas, uma especie de memoria activa.

E' pela phase da representação que passa a principio a imaginação infantil. A imaginação activa e creadora apparece mais tarde. Emilio Egger (1) assignala a sua eclosão aos vinte mezes. Os folguedos pueris provocam o exercicio continuo desse poder inventivo: uma cadeira figura successivamente uma casa, um navio, um cavallo; com a maior seriedade, a creança representa em dous pedaços de madeira, de

(1) PREYER (*in Rev. Scient.*, cit.), reproduzindo exemplo semelhante, affirma que ambos não desejam procurar as causas e reconhecer como effectos de movimentos as modificações que lhes solicitam a attenção; desejam antes reconhecer as modificações como dependencias de outras modificações.—Diz V. Cherbuliez que «après avoir été dupe des apparences á mesure que sa force grandit, il (l'enfant) l'emploie à détruire pour le seul plaisir de détruire, et le touche-à-tout se transforme en brise-tout.»

(1) *Observations et réflexions sur le développement de l'intelligence et du langage chez les enfants*, 53.

retalhos de papel ou de panno os personagens mais variados e os seres mais extravagantes.

Sem levar o exaggero a ponto de affirmar com F. Rassier, que a imaginação preenche a vida psychica da creança, não podemos negar que faculdade imaginativa domina em grande parte a sua actividade; e é por isso que, impressionada pelo lado maravilhoso das cousas, a creança *objectiva* tão poderosamente as suas ideas.

III

Os dous traços salientes da psyche infantil consistem na phantasia e na suggestibilidade.

A suggestibilidade da creança repousa sobre duas tendencias intellectuaes:—a credulidade e a imitação.

O grande incredulo, cujo nome ficou ligado a um seculo de incredulidade, esse anthropoide genial, na phrase de Hugo, Voltaire escreveu algures:

*L'homme est crédule, et dans son faible cœur
Tout est reçu; c'est une molle argile.*

A credulidade, que é a *credividade* attenuada, tem no espirito infantil, impressionavel e virgem, um terreno apropriado que a imperfeição dos orgãos prepara e a ignorancia fecunda.

Ninguem desconhece a fé, a confiança exaggerada que a creança deposita na apparencia das cousas. Aceita resolutamente todas as idéas que lhe passam pelo cerebro, e principalmente as que se revestem de força e de clareza, mercê da presença, das palavras e da autoridade de outras pessoas.

Quer exprimam verdades, quer manifestem absurdos, as phrases que a creança escuta passam a cons-

títuir as suas crenças (1): reside a origem da credulidade pueril na crença natural que prestam ao sentido que as palavras exprimem, á objectividade expressa pelas palavras.

A' proporção que a experiencia quotidiana indica a falsidade de certas apparencias, á medida que o espirito se convence de que nem tudo que lhe dizem se conforma com a realidade, á medida que se exerce a reflexão, as primeiras illusões fenecem, e á credulidade cega se substitue, em parte, a instinctiva desconfiança do adulto, que se estende apenas a certa ordem de factos, pois subsiste sempre em nossa alma um fundo inextinguivel de credulidade e de superstição

Num trabalho extraordinariamente pensado, Tarde diz que todas as imitações, em que não intervem a logica, se prendem a duas grandes cathogorias: credulidade e docilidade, imitação de crenças e imitação de desejos (2), isto é, apropriação dos phenomenos que, com a sensação, formam os elementos da alma.

Estudámos a credulidade infantil: sobre a docilidade não precisamos insistir.

Na creança vamos encontrar o mimetismo phisico (3) e o mimetismo moral: reproduz, no estado

(1) PEREZ, *La psychologie de l'enfant*, III.

(2) *Les lois de l'imitation*, 1890, 222.

(3) «Un grand nombre d'animaux se placent d'instinct sur les objets colorés comm eux, de manière aussi peu visible que possible. Il en est de même qui, lorsqu' on les pose sur un objet d'une nuance donnée, ont le pouvoir de modifier en quelques minutes leur propre coloration, pour l'assortir à ce nouvel milieu. Ainsi le caméléon se rendra brun, vert ou olivâtre, en distendant plus ou moins ses vésicules colorées, et en combinant leur jeu de diverses manières. On prend un carrelot sur un fond vaseux où il se dissimulait complètement et on le place sur un fond de sable: bientôt son corps devient jaunâtre, et çà et là se pique de points noirs qui lui donnent un aspect sablonneux. Cette tendance instinctive á s'identifier á son milieu est ce que l'on a appelé le *mimétisme phisique*.» SOURIAU, *La suggestion dans l'art*, 242.

normal, o interessante phenomeno hypnotico da imitação especulár; mas, ao passo que o cataleptico se limita a copiar servilmente os gestos do operador, a creança espelha gestos e pensamentos, attitudes e idéas, expressões de sentimentos e estados emotivos.

Parece que a imitação se propaga na vida infantil, ao contrario do que pensa Tarde, *ab exterioribus ad interiora*.

Na verdade, o seu intimo se molda sobre a exterioridade: vê uma acção; immediatamente procura copial-a; nota que esse acto está ligado a uma determinada expressão physionomica, que incontinente reproduz; e, conseguido o intento, uma nova luz desabrocha no seu espirito. Torna-se grave, por imitação da seriedade; terno, por imitação da ternura, e uma vez na corrente dessas impressões, a alma pouco a pouco vae-se modificando (1).

Os actos mais simples e communs trahem a plasticidade organica, a malleabilidade do character, a ductilidade da intelligencia no decorrer da infancia. Que é o primeiro sorriso que descerra os labios dum bebé, sinão a photographia inexpressiva, automatica, inconsciente dos sorrisos que provoca?

Os primeiros passos, os folguedos, as attitudes, os gestos, as primeiras palavras, são echos reproductores de actos identicos e movimentos semelhantes que a creança observa nas pessoas que a cercam; e é obvio que a fidelidade e durabilidade da imitação está na razão directa da intensidade e da repetição da impressão moral, do *ictus*.

No meio familiar, a creança imita de preferencia os paes que, para ella, encarnam o typo supremo e

(1) Veja-se MME. NECKER DE SAUSSURE, *L'éducation progressive*, I, 123.

perfeito. Graças á imitação quotidiana, o filho reproduz os defeitos e as qualidades, os habitos e os sentimentos paternos; e essa reproducção ou repetição da intelligencia e do character é favorecida e fomentada pelo concurso das disposições transmittidas conforme as leis da hereditariedade.

No meio collegial a tendencia permanece: substitue-se o modelo. Mestre ou condiscipulo, a individualidade mais forte domina a mais fraca.

Embora attenuada, subsiste a mesma tendencia no meio social. No pensar de Guyau, a vida não é uma balança de suggestões reciprocas e a educação não é apenas um conjuncto de suggestões coordenadas e reflectidas?

Todas as manifestações da actividade humana, em todas as classes de todos os paizes, em todos os tempos, são manifestações da captação do homem pelo homem.

A magnifica pagina de Rabelais sobre os carneiros de Panurgio photographa a vida infantil.

Não devemos esquecer que os actos determinados pela imitação encerram o germen de um habito: o cerebro é um organ essencialmente repetidor. A medida que esses actos se reproduzem, se fortalece a memoria organica; e ninguem desconhece a extraordinaria tenacidade das primeiras impressões. Gravae com a ponta de uma agulha uma palavra no tronco de uma planta em crescimento: a inscrição acompanhará, augmentando-se, o desenvolvimento da planta. Quando, porém, esta ganhar o desenvolvimento de uma arvore, para reproduzir a inscrição que a ponta fraca de uma agulha conseguiu traçar, será preciso um instrumento cem vezes mais resistente e cortante.

A docilidade mental, a credulidade, o minetismo, psychico, a suggestibilidade, tem explicação natural. Na infancia, resultam da falta de desenvolvimento das faculdades superiores do cerebro; nos adultos dependem da inactividade parcial ou completa dessas faculdades.

A suggestão, no sentido lato, indica a operação que pode inculcar no cerebro de um individuo uma idéa capaz de se traduzir por phenomenos motores correspondentes. Compreende-se, que a suggestibilidade depende de predisposições organicas. Dissemos algures (1) que assim como ha solos em que a malária de preferencia domina, egualmente ha cerebros predispostos em que a suggestão facilmente se desenvolve. E' uma questão de receptividade. Num cerebro normal, a suggestão, strictu senso, não se desenvolve inteiramente: realisa-se apenas a primeira phase da sua evolução, porque o primeiro movimento do espirito humano, naturalmente credulo, é de aceitar a idéa que a suggestão impõe. Mas a razão intervem, como um verdadeiro poder moderador, e sopesando a suggestão e os seus resultados, impede a acceitação da idéa, impede o apparecimento do automatismo cerebral e por essa forma evita a transformação da idéa em acto.

Ora desde que as faculdades superiores se anormalisam por falta de desenvolvimento ou por motivo que diminua ou attenua a sua actividade reflectida, augmentam, de uma parte, a credulidade, isto é, a

(1) *O hypnotismo, ensaio medico-legal*, 1895, cap. IV Como diz ALIMENA (*I limiti e i modificatori dell'imputabilità*, 1896, 180), a suggestão em estado de vigilia deriva da lei de reversibilidade, que Rambosson formulou (*Phénomènes nerveux, intellectuels et moraux, leur transmission par contagion*, 1883, 200), da lei do contagio nervoso definida por DESPINE. (*De la contagion morale*, 1870, 13), e da lei da imitação investigada por G. TARDE (*Les lois de l'imitation*, 1890).

aptidão natural a aceitar idéas extranhas, e de outra parte, o automatismo cerebral, isto é, a aptidão a transformar a idéa em acto, actuar crenças e desejos. E, sem o exame da razão que refreia os impetos da credulidade e do automatismo, a suggestão é aceita e effectuada. Eis ahi o motivo da suggestibilidade da creança, que é um ser eminentemente impulsivo, sem a reflexão que pondera as acções e determina a vontade, sem habitos profundos, sem a regra idéal traçada pela consciencia do dever. E' incapaz do esforço necessario para repellir a suggestão das idéas e a suggestão de actos realísados, isto é, as imposições exercidas sobre as imaginações impressionaveis pela palavra, pela lição das cousas, pelos exemplos offerecidos á sua impulsividade.

Parece notavel a suggestibilidade infantil. Beaunis, tendo procurado hypnotisar oito creanças de 1 a 14 annos, não encontrou uma unica refractaria á suggestão (1). O mesmo facto é assignalado por F. Hément, Aug. Voisin, Ladame, Bérillon (2), Magnin (3), Cullerre (4), Fajardo (5), e outros. D'ahi, as applicações do hypnotismo á pedagogia, e a transformação da suggestão em uma verdadeira orthopedia moral e intellectual, na phrase feliz de Durand de Gros (6).

Ao lado da *allo-suggestão* que acabamos de estudar, existe a *auto-suggestão*.

(1) *Le somnambulisme provoqué*, 1887.

(2) *De la suggestion envisagée au point de vue pédagogique*, in *Revue de l'hypnotisme*, I, 85.

(3) *Étude clinique et expérimentale sur l'hypnotisme*, 1884.

(4) *Magnétisme et hypnotisme*, 1892, 86.

(5) *Tratado de hypnotismo*, 1896, 79.

(6) F. THOMAS, *La suggestion, son rôle dans l'éducation*, 1895, COLLINEAU, *L'hygiène à l'école*, 1889, cap. XI. LADAME, *L'hypnotisme et la pédagogie*, in *Revue de l'hypnot.*, 2.^o anno. LIÉBEAULT, *Emploi de la suggestion hypnotique pour l'éducation des enfants et des adolescents*, na mesma *Revue*, 1889.

E' simples a differença que as separa: a primeira suppõe a existencia de um suggestionista e de um suggestionado, do senhor e do escravo, do sementeiro e do terreno. Na auto-suggestão, não ha intervenção de segunda pessoa: a suggestão engendra-se na propria intelligencia do suggestionado. Em vez de ser o resultado de uma impressão de *fóra*, (tal a hypothese da suggestão verbal), é o resultado de uma impressão de *dentro*, isto é, de uma idéa fixa, de uma concepção delirante, de uma idéa obsidente. Mas, como não existe a geração expontanea, a auto-suggestão prende-se sempre a uma impressão sensorial que engendra uma idéa ou uma associação de idéas, em relação com recordações accumuladas por suggestões anteriores (Bernheim).

Impropriamente, talvez, porém com alguma verdade, empregamos a todo instante expressões como estas: as suggestões da vaidade, do amor-proprio, do medo, da inveja, da cubiça, do egoismo. Ninguem ha que desconheça essas suffocações da consciencia e da razão que os sentimentos mais intimos suggerem, afastando todos os obstaculos que surgem contra as idéas favoritas e os desejos predilectos.

La Rochefoucauld e Pascal, Nicole no profundo capitulo da *Logique du Port-Royal*, Malebranche em seu livro sobre a *Recherche de la vérité*, Molière longamente insistem sobre o poder das paixões, maravilhosos instrumentos que nos cegam deliciosamente. Não é por força de auto-suggestões, que a razão, dominando a indolencia e a fadiga, nos arrasta ao estudo de questões aridas, das quaes a repulsão nos afastava? Não é, sob a influencia de auto-suggestões, que á força de repetir a mentira, o mentiroso se convence da realidade de um facto, architectado por sua propria imaginação? Não são da mesma natureza certos grupos de idéas parasitas, que zom-

bando dos mais energicos esforços, se installam em nosso cerebro, fortalecidos na resistencia, revigorados na luta contra as suggestões contrarias creadas pela consciencia moral e pela reflexão?

Anteriormente assignalámos que os sentimentos constituem uma causa frequente de illusões.

Podem excitar, dirigir, perverter e transviar a intelligencia. O sentimento é o principio motor da intelligencia; a vontade é o principio director. E para comprehender o poderio que sobre a vida psychica sume o sentimento, basta reflectir que todos os phenomenos de consciencia têm um duplo aspecto: são ao mesmo tempo affectivos e representativos, sendo certo que nenhuma representação germina desacompanhada de um prazer ou de uma dor.

Pondo em jogo as mysteriosas affinidades e as repulsões mysteriosas que existem entre o espirito e o objecto, a dor e o prazer contribuem, ora para repellar e afastar uma idéa, ora para acaricial-a complacentemente, mantendo-a sob o olhar da consciencia. Soccorre-se desse estrategema o coração, para enganar a intelligencia (1).

Considerae agora, a receptividade que a imperfeição organica das funcções mentaes desenvolve nas creanças; o dominio que sobre a vida infantil actua as faculdades inferiores, a imaginação, e o automatismo; a immaturidade da vontade deliberante; a violencia dos sentimentos, que fazem da creança um ser essencialmente emotivo e sensivel. Tudo isso nos deixa ver porque, nos primeiros annos da existencia, o homem é governado por suggestões extranhas e sugges-

(1) VICTOR BROCHARD, *De l'erreur*, 1897, consagra um admiravel capitulo ás causas psychologicas do erro.

tões intimas, suggestões de crenças e suggestões de desejos, suggestões do meio e suggestões organicas.

Krafft-Ebing (1), em um trabalho sobre as *idéas coercitivas* notou especialmente que, durante a puberdade, pódem dominar o cerebro idéas extranhas, que arrastam irresistivelmente o individuo a actuar num sentido determinado, quando animados por sentimentos anormalos: na producção desses actos impulsivos, a consciencia desaparece, e a creança é subjugada por esse *quid*, diversamente denominado *voz interna*, *suggestão diabolica*, etc.

Não taxemos, portanto, de paradoxal o notavel investigador das leis da imitação, quando escreve que a creança é um somnambulo, cujo sonho se complica ao desdobrar dos annos e cuja vida é uma superposição de sonhos, do berço ao tumulo.

Dr. Alcantara Machado.

(Continúa)



(1) *Vierteljahrschrift für ger. Med.*, 1870, 40.